

Fotos: Wanderlei Pozzembom/CB/DA Press



“Nada impede que venha outro livro. Não tenho nada em perspectiva, mas nada é improvável”, afirma Irlam

MEIO SÉCULO DE ARTE, FESTA E BOA PROSA

Amigos, colegas de **redação** e familiares lotam o **Beirute** para o **lançamento** do livro que festeja os **50 anos** de **jornalismo cultural** de **Irlam Rocha Lima**



Marisa Santos, Cláudia Santos e Ivani Moura — amigas de Irlam



O jornalista José Cruz “rasgou elogios” ao amigo de longa data

» NATHÁLIA QUEIROZ

Poucos jornalistas podem dizer que acompanharam de perto, ao longo de cinco décadas, a transformação cultural de Brasília e do Brasil. Irlam Rocha Lima, repórter e colunista do **Correio Braziliense**, é um deles. Com cinco décadas de carreira — todas vividas na mesma redação —, ele acaba de lançar o livro *Artes em Festa - 50 anos de reportagem cultural*, uma coletânea com alguns dos textos mais marcantes da sua trajetória.

A comemoração ocorreu ontem, no Bar Beirute, na 109 Sul, cenário emblemático da cultura brasiliense. Rodeado de amigos, colegas de profissão e familiares, o jornalista recebeu homenagens, abraços e muitos relatos sobre o impacto do seu trabalho na história cultural da cidade.

Em conversa com a reportagem, ele conta que continuará escrevendo, registrando as coisas que ele gosta. Questionado sobre a possibilidade de um terceiro livro, o

jornalista respondeu com bom humor. “Nada impede que venha um outro livro. Não tenho nada em perspectiva, mas nada é improvável”, disse, deixando em aberto mais um capítulo.

Amigos e admiradores

A deputada federal Erika Kokay (PT-DF) destacou a importância de Irlam para a memória cultural de Brasília e do país: “Acho que ele é um patrimônio, patrimônio da nossa cidade e da cultura brasileira. Ter a oportunidade de levar pra casa suas crônicas sobre o Brasil que resiste e se reinventa através de suas expressões culturais é uma verdadeira alegria. As crônicas do Irlam nos permitem conhecer as entranhas de um Brasil muitas vezes invisibilizado”, afirmou.

O jornalista José Cruz, de 80 anos, fez questão de marcar presença no lançamento e relembrou a convivência com Irlam na redação do **Correio** nos anos 1980. “Quando cheguei ao jornal, em 1985, o Irlam já estava na editoria de Cultura. Como eu também era



Irlam comemora 50 anos de jornalismo com o lançamento do livro *Artes em Festa - 50 anos de reportagem cultural*

dos que chegavam cedo na redação, a gente sempre trocava algumas palavras antes de começar o trabalho. Foi assim que nossa amizade foi se fortalecendo”, contou.

Para Cruz, Irlam é um exemplo de repórter. “Nunca me esqueço

de um show da Elba Ramalho, aqui em Brasília, com cerca de 10 mil pessoas. Logo após a primeira música, ela parou para perguntar à plateia. “Quero saber se o meu amigo Irlam está aí”. Isso mostra o quanto ele é respeitado

pelos artistas que cobre”, lembrou, sorrindo.

Entre os amigos e admiradores presentes, o diretor regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac-DF), Vitor Corrêa, também fez questão de homenagear

o jornalista. “Irlam é motivo de muito orgulho para essa cidade. Ele é símbolo de tradição, de valorização de Brasília e da construção da nossa identidade cultural. Uma pessoa que fala de Brasília, fala do Brasil e faz isso pelo olhar da cultura, da música, da arte”, destacou.

Amigas de longa data, Marisa Santos, 57, Cláudia Santos, 57, e Ivani Moura, 73, também estiveram no Beirute para prestigiar Irlam. As três têm uma ligação que vai além da amizade recente: são todas conterrâneas de Barreiras, na Bahia, assim como o jornalista.

“Somos amigas há mais de 50, quase 60 anos. Sempre acompanhamos de perto toda a trajetória dele”, contou Ivani, professora. Marisa, também professora, lembrou que a casa da família era conhecida como a “embaixada dos barreirenses” na capital. “Lá se reuniam todos os amigos vindos da Bahia. Discutiam sobre tudo: política, economia, música, carnaval. E o Irlam sempre estava no meio dessas conversas. Mantivemos a amizade até hoje”, disse.

» Entrevista | HENRIQUE NETO | VIOLONISTA E DIRETOR DA ESCOLA BRASILEIRA DE CHORO

“A juventude se interessa pelo choro”

» VITÓRIA TORRES

O choro, gênero musical brasileiro que carrega séculos de história, encontrou em Brasília um terreno fértil para se reinventar e dialogar com novas gerações. Quem afirma é o violonista Henrique Neto, diretor da Escola Brasileira de Choro (antiga Escola de Choro Raphael Rabello), entrevistado de ontem do programa CB.Poder — parceria do **Correio Braziliense** com a TV Brasília. Aos jornalistas Ana Maria Campos e Severino Francisco, Henrique refletiu sobre a identidade musical da capital, a força das novas gerações, as homenagens ao pai, Reco do Bando-lim, e ao jornalista do **Correio** Irlam Rocha Lima.

Por que o choro é um patrimônio de Brasília?

O choro é uma música centenária que encontrou, na nossa cidade, todas as condições para se desenvolver desde a transferência da capital. O choro era muito apreciado pelo nosso ex-presidente Juscelino Kubitschek. Ele trazia Vinícius de Moraes, Tom Jobim e Dilermando Reis. Então, Brasília, desde sua nascente, tem esse vínculo com o choro, que hoje vemos se estendendo e se desenvolvendo nas novas gerações.

O choro ainda está crescendo?

A gente cresce com muitos estigmas, ouvindo que choro é música de gente mais velha, que é algo antigo. Eu era um dos poucos, na minha época, que ouvia.

Bruna Gaston CB/DA Press



Atualmente, percebemos um grande interesse da juventude pelo choro. Isso serve para quebrar o estigma de que o choro é velho. Na verdade, o choro não é apresentado. A Escola Brasileira de Choro tem um grande papel, pois é a primeira escola destinada ao gênero no país. Cumpre o papel de atrair a juventude para um tipo de música que não era conhecida. Existem

peças que entram na escola querendo tocar pagode e, quando chegam lá, acabam se encantando por essa música que nem conheciam. Acredito que, por Brasília ser uma cidade muito moderna, não temos uma velha guarda que tome conta do choro. Então, ele cresce livre e com influência de vários gêneros musicais. Não acho que seja melhor ou pior, mas ele cresce de



Confira o CB Poder na íntegra

uma maneira muito peculiar, muito brasiliense.

Qual a importância da imprensa nesse trabalho de reconhecimento da música em Brasília?

Minha família é de jornalistas, e eu reconheço no Irlam Rocha Lima — e em todo o trabalho do **Correio Braziliense**, de maneira geral — que sempre foram parceiros do Clube do Choro, sempre divulgando a programação desde o início, quando ainda não era conhecida. O Irlam, por estar no Clube do Choro desde a década de 1970, se envolveu muito com esse movimento cultural. Essa homenagem que está sendo feita a ele é mais que merecida. É o que a gente

precisa hoje em dia: um pouco mais de lucidez na informação, de critério. E eu acho que vocês desempenham realmente um papel indispensável para a população.

Como Reco do Bando-lim, seu pai, te influenciou a se tornar o grande violonista que você é?

Eu não via muita diferenciação dentro de casa. Na verdade, todo mundo que frequentava minha casa tocava. Lembro que, com uns 6 anos de idade, perguntei aos meus amigos do colégio o que os pais deles tocavam. Eu achava que todos os pais tocavam. Tinha bandolim no sofá, guitarra baiana em cima da mesa, violão espalhado pela casa, bateria... Meu pai sempre esteve envolvido com a música, apesar de ser jornalista de formação. E, antes de eu nascer, ele trouxe o primeiro trio elétrico para Brasília. Teve que ensinar as pessoas a aproveitarem um trio elétrico, saírem do carro e dançar.

*Estagiária sob a supervisão de Patrick Selvatti